



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

HELDER FRANKLIN ARAUJO

**DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
- EJA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

HELDER FRANKLIN ARAUJO

**DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
- EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663d Araujo, Helder Franklin.
Desafios do ensino de filosofia na educação de jovens e adultos - EJA [manuscrito] / Helder Franklin Araujo. - 2018.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Ensino de filosofia. 2. Estágio supervisionado. 3.
Educação de jovens e adultos - EJA. I. Título
21. ed. CDD 107

HELDER FRANKLIN ARAUJO

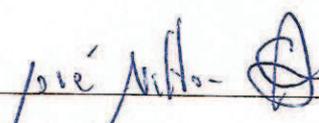
DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS - EJA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de licenciado em
Filosofia.

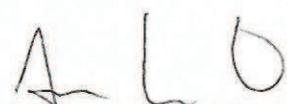
Orientador: Prof. Dr. José Nilton
Conserva de Arruda

Aprovado em: 23/11/2018.

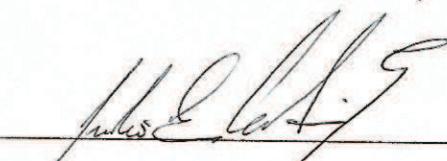
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pela dedicação, companheirismo e exemplo de força e ternura, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Cleonice Fernandes Araujo, que me incentivou e me deu toda a ajuda que pôde, mesmo com tantas dificuldades ajudou o máximo possível e nunca me fez desistir.

Ao grande presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que através de suas políticas de inclusões sociais, conseguiu recuperar a esperança de todos que buscavam uma oportunidade. Olhou de forma prioritária para os pobres e com coragem buscou diminuir parte da desigualdade de nosso país em sua gestão.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda pela atenção e disponibilidade em me orientar nesse trabalho. Além de professor/orientador espero que a partir de agora também seja meu amigo, meu muito obrigado.

Agradeço àqueles amigos de classe que me ensinaram o sentido da amizade do percurso da graduação. Em especial à Renata Leite Nunes, que desde sempre esteve comigo e me ajudou, serei sempre grato pelo companheirismo.

A educação não é tarefa de um partido. É uma tarefa da sociedade levantar a cabeça. Aqueles que já tiveram a oportunidade de ir a uma universidade precisam levantar a cabeça (...)
(LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, 2017)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar relatos das experiências vividas durante o seguimento da disciplina de Estágio Supervisionado I e II, nos anos de 2015 e 2016, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Oliveira. A caracterização da escola é evidenciada em um primeiro momento a fim de demonstrar o âmbito que fora trabalhado, de maneira pertinente à condição histórico social que o permeia. Como referencial teórico foi utilizado autores que fizessem uma ponte com os períodos históricos da educação, da EJA e da Filosofia. Este trabalho circunda sucintamente a maneira como o conhecimento pode atingir horizontes distintos de acordo como é apresentado levando em consideração o contexto social, os desafios encontrados e as soluções possíveis para se atingir esse conhecimento. Problematizamos ainda a relação entre o aprendizado na academia e o ensino na prática de estágio. Os resultados alcançados pela presente pesquisa apresentam subsídios para o entendimento dos pilares que sustentam a disciplina de Filosofia e seu papel como capacitada de desenvolver o pensamento crítico-reflexivo, assim auxiliando para uma consolidada cidadania.

Palavras-Chave: EJA. Estágio supervisionado. Ensino de filosofia.

ABSTRACT

The present work has the objective of presenting reports of the experiences lived during the follow up of the discipline of Supervised Internship I and II, in the years of 2015 and 2016, in the State School of Elementary and Middle School Professor Antônio Oliveira. The characterization of the school is evidenced in the first moment in order to demonstrate the scope that had been worked, in a way pertinent to the historical social condition that pervades it. As a theoretical reference was used authors that bridged the historical periods of education, EJA and Philosophy. This paper briefly covers the way in which knowledge can reach different horizons according to how it is presented taking into account the social context, the challenges encountered and the possible solutions to achieve this knowledge. We also problematize the relationship between learning in the academy and teaching in internship practice. The results achieved by the present research present support for the understanding of the pillars that support the discipline of Philosophy and its role as capable of developing critical-reflexive thinking, thus helping a consolidated citizenship.

Keywords: EJA. Supervised internship. Teaching philosophy

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2. ASPECTOS DO AMBIENTE ESCOLAR E RELATOS DE REGÊNCIA	10
2.1 <i>Perfis dos alunos</i>	<i>11</i>
2.2 <i>Relatos de regência</i>	<i>12</i>
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1 <i>Contexto histórico da educação no Brasil e o surgimento da EJA.....</i>	<i>13</i>
3.2 <i>As dificuldades encontradas na EJA</i>	<i>16</i>
3.3 <i>A Filosofia na EJA.....</i>	<i>19</i>
3.4 <i>A especificidade dos conteúdos de Filosofia</i>	<i>20</i>
4. METODOLOGIA	21
5. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICE	24

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como escopo relatar as atividades desempenhadas no período de seguimento dos Estágios Supervisionados I e II ocorridos nos anos de 2015 e 2016 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Oliveira. O Estágio Supervisionado é uma disciplina exigida pelo Ministério da Educação (MEC) de todas os Cursos de Licenciatura.

Nos dias atuais o Ensino de Filosofia no Ensino Médio regular é ofertado como disciplina eletiva. Portanto, vale salientar que o estágio aqui relatado deu-se entre os anos acima citados, em que o mesmo ainda era tido como obrigatório na grande curricular. Deste modo, entende-se que os conhecimentos adquiridos e aqui evidenciados são antes de tudo modelo das características que norteavam o período de ensino apresentado.

O estágio supervisionado visa a unificação dos conhecimentos adquiridos na sala de aula durante o curso de licenciatura, com a prática na escola escolhida pelo discente. A prática de estágio é circunstancial para o início da formação da identidade do futuro docente. “O estágio supervisionado é o momento ou o espaço para o desenvolvimento das habilidades do futuro profissional da educação básica; no nosso caso, o futuro profissional de ensino de Filosofia no nível médio.” (LOPES & FILHO, 2017, p. 115).

Este trabalho está dividido em três partes: os aspectos do ambiente escolar, os relatos de regência e a fundamentação teórica que serviu qualificadamente para embasar os conceitos levantados numa perspectiva de realidade do cotidiano acadêmico e escolar. Vale salientar que os planos de aulas produzidos sob orientação do professor da disciplina na academia seguem em anexo como qualitativos e quantitativos quanto ao cumprimento da carga horária exigida: 80 horas por semestre.

Este trabalho se justifica pelos conhecimentos adquiridos enquanto prática na Educação de Jovens e Adultos – EJA, a qual se deu no turno da noite e as aulas tinham duração de 50 minutos. A principal característica a ser apresentada é a de caráter de superação, já que foi presenciado inúmeras adversidades por parte das políticas educacionais, do público da EJA e do futuro docente. Deste modo, a realidade encontrada nessa experiência foi crucial para um aprendizado sólido e consolidação do desejo de tornar a educação cada vez mais inclusiva, tendo em vista todas as dificuldades observadas.

2. ASPECTOS DO AMBIENTE ESCOLAR E RELATOS DE REGÊNCIA

Identificação da escola

O estágio ocorreu no Colégio E. E. F.M Prof: Antonio Oliveira, situado no bairro de Santa Rosa, CEP: 58416-690, município de Campina Grande, PB, contato (83) 3335-2599, email: antoniooliveira@gmail.com.

A escola é de médio porte, funciona durante os três turnos, situa-se em um bairro de classe operária, possui em média 400 alunos, suas instalações possuem 10 salas, 2 para laboratórios de pesquisa em informática e robótica, banheiros masculino e feminino, sala dos professores e conselho pedagógico.

Conta com 68 funcionários e oferta os ensinos Fundamental, Médio e EJA. A escola que foi fundada e inaugurada em 19 de janeiro de 1981, pertence ao Estado e suas atividades são administradas pela Secretaria de Educação do Estado.

Turmas ofertadas

Ensino Fundamental	Ensino Médio regular	Ensino de jovens e Adultos
2 turmas de 8º ano	4 turmas de 1º ano	2 turmas de 1º ano
2 turmas de 9º ano	3 turmas de 2º ano	2 turmas de 2º ano
2 turma de 7º ano	2 turmas de 3º ano	1 turma de 3º ano
1 turma de 7º ano		

Dependências da escola

Salas: 10 de aulas, 01 da direção, 01 dos professores
68 funcionários
Laboratório de informática
Laboratório de robótica
Cozinha

Biblioteca
Banheiro feminino e masculino adequados para alunos
Banheiros na sala dos professores (feminino e masculino)
Dependências e vias adequadas para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida

2.1 Perfis dos alunos

O perfil do aluno do EJA era sua maioria de pessoas simples e trabalhadoras, grande parte pais e mães de família entre 20 e 60 anos e que estavam tendo seu primeiro contato com a Filosofia ou pelo menos a maioria deles, mas se mostraram muito interessados, por ser algo novo, um outro tipo de conhecimento ao qual eles ainda não conheciam. A proposta de reflexão foi muito bem aceita pelos alunos e isto reforçou o meu interesse em despertar a vontade dos alunos de buscar o conhecimento filosófico, ampliar cada vez mais sua busca por conhecimento e fazer as perguntas certas para daí tentarem uma busca pela resposta certa ou pelo menos satisfatória.

Apesar do turno da noite não possuir muitos alunos em sala, muitos mostravam interesse na disciplina e buscavam interagir participando dos debates, levantando questões pertinentes ao tema abordado em sala. Devemos ressaltar que o nível de interesses variava de uma sala para outra, mas todas tinham vontade de participar quando se levantava debates sobre assuntos atuais, trazendo a filosofia dialogar com temas do cotidiano, percebendo que a filosofia sempre esteve presente nas suas vidas.

As perspectivas em relação a continuidade dos estudos, quem sabe cursar uma universidade era algo ainda distante para a maioria dos alunos, uma vez que eles se achavam já em idade avançada e dependentes das responsabilidades que são trazidas pela vida. Na posição de pais e mães de família eles viam essa possibilidade de cursar uma universidade algo difícil de acontecer, no entanto, os mais jovens não descartavam essa possibilidade.

Na turma do 1º ano EJA, como era o primeiro contato que estavam tendo com aquele conteúdo, os alunos tiveram a reação de surpresa quando mencionado que a filosofia conversa com o cotidiano dos indivíduos em sociedade. Grande parte dos alunos alegava que não tinham o hábito da leitura e por essa razão, aqueles que já tinham ouvido falar sobre a disciplina, não tinham interesse pela contextualização dos conteúdos.

No 2º ano EJA a cada aula os alunos se mostravam mais próximos da disciplina. Foi a turma que demonstrou maior interesse pela reflexão das temáticas propostas, muitas vezes

trazendo e levantando questões pertinentes as aulas, mesmo sendo uma das menores turmas era notável que eles produziam textos e faziam mais leituras críticas sobre os assuntos que liam.

No 3º ano houve uma facilidade maior, pois muitos já estavam familiarizados com a disciplina, buscando participar de forma mais ativa levantando questões e debatendo assuntos pertinentes as aulas. Muitos alunos levavam os temas levantados para a casa e traziam questionamentos acerca dos mesmos

2.2 Relatos de regência

Apresento neste tópico dez modelos das atividades que desenvolvemos em sala de aula. Devemos ressaltar que o modelo das atividades seguia a programação do professor da disciplina que tem um conteúdo a ser ministrado e dispõe de uma carga horária limitada para executar a sua programação. Assim, o modelo é o ponto de partida da atividade, mas íamos adaptando o conteúdo de acordo com a manifestação de interesse dos alunos. De qualquer forma, esses modelos com a bibliografia utilizada nos informam sobre as possibilidades de desenvolvimento do conteúdo de filosofia em uma turma da EJA. Esperamos que por meio desses modelos possamos identificar os pontos fortes e os pontos que precisam ser aprimorados no nosso ensino de filosofia. Nas atividades desenvolvidas apresentamos aspectos da história da filosofia, analisando conceitos importantes de alguns pensadores fundamentais como Sócrates, Platão e Aristóteles, mas também desenvolvemos temas importantes para o cotidiano, como moral, ética, virtude, política e democracia. Os modelos estão no apêndice para que possa ser conferido.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Contexto histórico da educação no Brasil e o surgimento da EJA.

A EJA apresenta um histórico vulnerável, descontinuo e diverso na trajetória pessoal e social. O que se é notável em seu histórico é que os elementos são os mesmo quanto a “trajetórias de identidades coletivas” Arroyo (2007). Deste modo, percebem-se nesse quadro elementos comuns nos estudantes do programa como: pobres, negros, desempregados etc. A partir desses pontos em comum que se repete por tempos, surge um interesse da classe docente, que volta o olhar para a busca de tentar entender essas contrariedades visando uma nova significação para tal.

Relacionar o ensino de Filosofia com a EJA é um feito incomum, muito embora as propostas de ambos estejam bem próximas. De um modo geral, o que concerne a educação na sociedade contemporânea são interesses que intercalam aspectos objetivados, como trabalho, ciência, técnica, entre outros. Assim, discute-se muitas vezes a necessidade da Filosofia no ensino quanto à sua necessidade na prática.

Para se compreender a educação de jovens e adultos é necessário fazer uma breve referência ao período colonial. Entender aspectos relacionados à educação desde o nascimento do Brasil é um ponto elementar para analisar os principais pontos que norteiam essa modalidade na contemporaneidade, embora no período colonial a proposta central não fosse o desenvolvimento do indivíduo como cidadão.

A educação nesse período era determinada pelos interesses próprios dos portugueses. O intuito era catequizar os índios adultos a partir da religião cristã, assim como negros escravos trazidos da África. O propósito era domesticá-los, não os colocá-los perante o desenvolvimento que a leitura e a escrita daria.

A chegada da Família Real fez com que a educação tivesse uma mudança, isso porque se necessitava de que a formação fizesse jus à Família Real. Mas, o processo educacional era exclusivo para as elites.

Em 1827 com o projeto Stockler, segundo Paiva (2003), que pretendia servir como um instrumento para a educação popular em localidades mais populosas, mas que fracassou pela precarização em termos de ordenados dos professores, muito embora, algumas escolas terem

permanecido em funcionamento. Porém, em termos de manutenção dessas escolas, em 1834 com um Ato Adicional, o império abriu mão dessa responsabilidade, deixando para as províncias, que por sua vez não tinham condição de manter a qualidade exigida, distanciando cada vez mais a educação das elites das populares.

Neste período houve outros projetos que viabilizavam a educação popular, alguns até com perspectivas profissionalizantes, mas as discussões que concerniam esses projetos, pouco saíam do papel, ou seja, não eram transformados em políticas públicas. Todavia, apenas aquelas que representavam o desenvolvimento econômico, eram as que resultavam em algo.

A instrução popular sempre esteve ligada ao interesse econômico, imigração estrangeira e novas demandas de mão-de-obra fatores que incrementavam a necessidade de instrução, muito embora, parte da população ainda fosse analfabeta, e esse era um problema visível, já que havia cada vez mais a necessidade de adequação da população ao mercado. Ainda segundo Paiva (2003) em 1882, Rui Barbosa se pronunciando sobre a reforma de Leôncio de Carvalho, relacionou a educação com o desenvolvimento do país. Logo, haveria de existir instrução da massa para que o país atingisse índices de desenvolvimento.

O discurso de desenvolvimento do país se perdurou por tempos, fazendo muitas vezes a noção de país voltado para a educação não passarem apenas do discurso. Em 1925, o decreto nº 16.1782 defendia “todos os graus de ensino”, mas em tese, porque não havia progresso, haja vista a não contribuição financeira justa para tal. (PAIVA, 2003).

No ano de 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (BRASIL, 2010) é lançado com a proposta de solucionar os problemas existentes na educação do Brasil. De modo que, com a ciência como favorável, a ideia de respeito com particularidades de cada região, uma educação pública, de qualidade e laica. Essas propostas não foram de um modo geral colocadas em prática mais uma vez, e os motivos vinham de motivos políticos. Já em 1942 o cenário muda com a criação do FNEP – Fundo Nacional para o Ensino Primário, cujo funcionamento viria um ano depois, em 1943. A união assume a responsabilidade no quesito de uma educação profissional, diferente da elementar.

Diante disso, também se pode pontuar outros marcos da educação de adultos no Brasil: a Campanha Nacional da Educação de Adolescentes e Adultos (1946); Campanha de Educação Rural (1952); 2º Congresso Nacional da Educação de Adultos (1958); A mobilização Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1957). Todos provenientes do governo federal, que apesar de poderem ser vistos como políticas públicas, não conseguiram atingir os objetivos desejados.

Somente a partir deles, a criação do PROEJA – Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, tornou-se um programa que perdura até os dias atuais. Esse teve um considerável alcance e tornou-se efetivamente política pública do Estado.

O programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos foi criado inicialmente pelo Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005, de como que, o incentivo era da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Esse sofreu alterações posteriormente em com o Decreto Nº 5.840, de 13 de julho de 2006.

As propostas sempre couberam num viés de integração entre: trabalho, ciência, tecnologia, humanismo e cultura. Fato que, é fórmula primordial para qualquer modalidade de ensino. A LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no artigo 37 da seção V afirma sobre essa modalidade “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamentais e médios na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”.

Na mesma seção e artigo, o documento oficial faz referência à gratuidade do ensino, de modo em que, enfatiza os interesses dos alunos dessa modalidade. Além de direcionar ao poder público a responsabilidade do incentivo para a permanência do público alvo do programa, diz os incisos que seguem:

§§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§§ 2º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (LDB, 1996, p. 13).

Um fator pertinente visto nos dois incisos citados é a presença dos conceitos de trabalho como interesse. De modo que esse fator não só permeia o interesse de uma educação profissional do aluno, mas do próprio Estado que tende a ter como circunstancial a economia gerada no país.

Para tanto, o ensino de jovens e adultos tem um importante marco quando entendido como elemento para diminuição do analfabetismo no país. Deste modo, os investimentos passam a ser vistos nessa modalidade com veemência.

A partir de 2003, a presença do Estado na EJA, por meio de um programa, o Brasil Alfabetizado, em disputa organizada pela luta dos educadores de EJA em fóruns estaduais e regionais fez crescer a preocupação e a destinação de verbas para os municípios com vista à continuidade de estudos, sem o que todo esforço de alfabetização é insuficiente. (BRASIL, 2007, p. 10).

3.2 As dificuldades encontradas na EJA

O ensino de jovens e adultos por si já carrega uma carga de dificuldades tanto para o docente como para o discente. Ora pelo seu público, ora pela especificidade de conteúdos estabelecidos como objeto pelo Estado. Isto porque, muitas vezes essa modalidade teve caráter emergencial, que servia como sustento nos âmbitos social e políticos.

Presente no documento base PROEJA, apresentado pelo MEC que diz respeito à *FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA/ENSINO FUNDAMENTAL (2007)* em sua apresentação se encontra o reconhecimento de que o público que abrange essa categoria de ensino, é diferenciado, portanto, requer uma diferenciação no ensino, “o reconhecimento, respeito e diálogo com o saber do aluno trabalhador; o que pressupõe o acatamento de tempos e espaços de aprendizagem diferenciados (BRASIL, p. 6, 2007). Esse modo de ver a EJA é tarefa crucial para seu funcionamento.

Propiciar a esse público o acesso a serviços e produtos culturais de que até então foram privados, respeitando os saberes construídos em suas trajetórias, permitindo a organização da reflexão e de estruturação de possibilidades de interferências na realidade é fator de democratização e justiça distributiva. (BRASIL, 2007, p.7).

Embora o documento base que expressa às características que formam a modalidade do Ensino Médio seja outro, *EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO/ENSINO MÉDIO (2007)*, sabe-se que ambos, em teoria, têm como almejo os mesmos pontos levantados na citação acima. O que diferencia os planejamentos das duas modalidades é a ênfase dada a educação profissional vinculada ao Ensino Médio, uma vez que, um desenvolvimento com aparatos subjetivos e objetivos numa sociedade, através de uma educação inclusiva, tende a diminuir as desigualdades presente neste meio social. Para tanto, em sua apresentação consta:

O PROEJA é, pois, uma proposta constituída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social; em um projeto de

nação que vise uma escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social. (BRASIL, 2007, p. 7).

Diante desses pressupostos, visíveis problemas permeiam a EJA, um deles trata-se da quantidade de jovens (aqueles alunos com educação regular, ensino fundamental na infância, e médio na adolescência), mas que não seguem essa trajetória e estão presentes na EJA. Os motivos são vários, desde a descontinuidade por falta de incentivo por parte das redes, ao fator característico da problemática sócio-econômica do Brasil, que passa a necessidade de buscar trabalho nesse período inicial.

Embora se tenha equacionado praticamente o acesso para todas as crianças, não se conseguiu conferir qualidade às redes para garantir que essas crianças permaneçam e aprendam. Além disso, a sociedade brasileira não conseguiu reduzir as desigualdades socioeconômicas e as famílias são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição de renda mínima, roubando o tempo da infância e o tempo da escola. (BRASIL, 2007, p. 10).

A volta desses jovens à educação não se dá por mero atrativo de desenvolvimento intelectual, se dá de acordo com a demanda de qualificação impulsionada pela sociedade capitalista.

Assim, mais tarde esses jovens retornam, via EJA, convictos da falta que faz a escolaridade em suas vidas, acreditando que a negativa em postos de trabalho e lugares de emprego se associa exclusivamente à baixa escolaridade, desobrigando o sistema capitalista da responsabilidade que lhe cabe pelo desemprego estrutural. (BRASIL, 2007, p. 11).

Deu modo geral, entende-se pela EJA como uma educação que abarca diversidades social, econômica e cultural, fazendo que seus desafios sejam maiores do que os da educação regular. Essas diversidades são claramente apontadas ainda no documento base PROEJA:

A EJA, em síntese, trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promove para grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente. (BRASIL, 2007, p. 11).

A diversificação na sala de aula requer do docente uma metodologia de ensino que consiga atingir a todos. Lidando assim, não apenas com o exercício de sua mediação entre ensino e a aprendizagem desses alunos, mas garantir a permanência desses na escola com o estímulo de sua didática.

Como visto, o desafio da EJA é uma faca de dois gumes – os alunos encontram em seu cotidiano maiores dificuldades para levar adiante seus estudos, e os professores que no que concerne sua profissão já estão intrinsecamente levados às dificuldades. Para tanto, quanto a inserção de alunos jovens no PROEJA agregada aos adultos e idosos que dotados de uma perspectiva de adquirirem os conhecimentos que o trabalho lhe usurpou, se dá dois tipos de trabalhadores, ou seja, dois mundos. O que implica em um desdobramento do professor.

Esses dois grupos distintos de trabalhadores de baixa renda encontram-se nas classes dos programas de escolarização de jovens e adultos e colocam novos desafios aos educadores, que têm que lidar com universos muito distintos nos planos etários, culturais e das expectativas em relação à escola. Assim, os programas de educação escolar de jovens e adultos, que originalmente se estruturaram para democratizar oportunidades formativas a adultos trabalhadores, vêm perdendo sua identidade, na medida em que passam a cumprir funções de aceleração de estudos de jovens com defasagem série-idade e regularização do fluxo escolar. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 127).

A proposta central dos documentos de base do MEC acerca das questões de dificuldades dos professores anteriormente levantadas, diz respeito à formação continuada dos gestores e docentes. Estas visam possibilidades de capacitações que resultem circunstancialmente na prática da EJA.

A formação continuada dos gestores, técnicos e docentes deve ser realizada, objetivando assegurar aos profissionais o aprimoramento para o exercício de suas funções, devendo garantir a (re)construção de conhecimentos voltados para: a elaboração do planejamento, a construção da proposta pedagógica, a elaboração de material didático que contemple a integração entre EJA e Educação Profissional, a elaboração de relatórios; e a implantação, implementação, acompanhamento e avaliação do projeto. Esta formação deverá ser permanente e sistemática, enfocando ações de natureza política, técnico-pedagógica e administrativa. (BRASIL, 2007, p. 51).

As propostas educativas acerca da EJA mudaram de acordo com a história, tanto em sua estrutura de formação do discente, como na do docente. Muito embora se consiga perceber que a proposta central deve se centralizar na humanização do cidadão e essa educação é nada mais, nada menos que um direito humano, como afirma ARROYO (2005, p. 225).

A trajetória mais progressista não é institucionalizar a EJA como modalidade dos ensinos fundamental e médio, mas como modalidade própria que avançou em concepções de educação e formação humana que pode ser enriquecedora para a educação da infância e da adolescência, sobretudo dos setores populares que freqüentam as escolas públicas. Quanto menos institucionalizada for a EJA nas modalidades das etapas de ensino, maior poderá ser sua liberdade de avançar no

movimento pedagógico e de contribuir para um diálogo fecundo com essas modalidades de ensino, até para enriquecê-lo e impulsioná-lo para se reencontrarem como modalidades de educação e formação básica. Que falta nos faz recuperar a concepção moderna de educação como direito humano! A EJA popular traz esse legado.

3.3 A Filosofia na EJA

A Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, lei essa que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, a inserção das disciplinas de Filosofia e Sociologia nos currículos do Ensino Médio como obrigatórias. De modo que, novas adaptações, tanto nos currículos, quanto nas licenciaturas foram resultado da alteração dessa lei – visto como marco positivo após as disciplinas citadas passarem um longo período como eletivas, devido suas “peculiaridades” que consistem em desencadear o pensamento crítico-reflexivo dos homens perante o seu meio social.

Tratava-se de opção explícita para que as possibilidades reflexivas e de análise da realidade e da vida política do país deixassem de existir e, em seu lugar, fossem estabelecidas disciplinas escolares voltadas muito mais à catequese e alienação dos estudantes, inseridas nos supostos valores morais, religiosos e de amor à pátria, contidos nas propostas das disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB). (COSTA & SUBTIL, 2016, p. 31).

Diante dos pressupostos levantados o ensino de Filosofia e suas atribuições, é forçoso compreender os aspectos que fazem a Filosofia ter características pertinentes ao ensino de jovens e adultos – manifestando o sentido de proporcionar em ação a reflexão crítica dos problemas que os circundam. E não somente, mas compreender os fenômenos que causam esses problemas, resultando como consequência na superação desses. A atividade filosófica perpassa a comum sistematização do ensino passado em sala de aula. É, no entanto, um esforço racional de verificar de forma específica a realidade dos homens.

Fatores que a legitimam a disciplina de Filosofia no ensino público estão necessariamente ligados ao seu contexto histórico de luta e resistência. Ao passo de que a Filosofia tornasse essencial na compreensão do cotidiano dos diferentes sujeitos que por ela vá passar.

A luta pelo ensino de filosofia foi bandeira de movimentos, universidades e entidades que se fortaleceram no período ditatorial e contribuíram para as lutas no contexto da redemocratização. Perante as contradições que se alongam e se alternam entre conquistas e retrocessos, os defensores da reinserção da disciplina olhavam muito mais para as contribuições desse ensino para os estudantes, dando legitimidade e significado à sua formação e, por esse motivo, esse retorno não deveria acontecer por meio de decreto, com atenção especial à formação de

professores. Nesse sentido, podemos afirmar que, de fato, a luta pela filosofia e pelo ensino de filosofia é parte da luta pela redemocratização do Brasil e da luta em defesa da educação, com vistas à transformação da realidade. (COSTA & SUBTIL, 2016, p.39).

3.4 A especificidade dos conteúdos de Filosofia

A especificidade dos conteúdos de Filosofia sempre norteou as discussões quanto ao ensino regular e EJA. Isso porque, a demanda das grades curriculares sempre se atentou à percurso da Filosofia ao longo da história. Embora as grades curriculares fossem compostas por uma sistematização da história da Filosofia, a pretensão acerca desta era que a disciplina auxiliasse na construção da cidadania dos indivíduos.

O mote é mais uma vez aquele que iniciou a discussão, ou seja, que pode-se engrandecer a formação dos alunos, principalmente no que tange ao desenvolvimento da cidadania plena, com os conteúdos críticos-reflexivos. Tais conteúdos representam condições necessárias e suficientes, juntos com as diversas outras, dos mais variados eixos, para uma formação completa do indivíduo. (SANTOS & CHAGAS, 2011, p. 193).

Para Murcho (2008) a organização dos conteúdos a ser passado deve garantir ao aluno possibilidades de construir argumentos acerca desses, de maneira que, filosoficamente esse aluno consiga ter uma visão ampla que auxilie na possível solução das problemáticas propostas.

A organização conceptual dos problemas, teorias e argumentos permite ao estudante contextualizar filosoficamente os textos escolhidos; ou seja, o estudante compreende o problema que está em causa naquele texto, que tipo de teoria está em causa, que dificuldades tal tipo de teoria enfrenta, e que teorias alternativas existem. (MURCHO, 2008, p. 97).

Diante disso, é comum encontrar (por alguns alunos) o nome da Filosofia atrelado à conteúdos herméticos e de vasta contextualização. No entanto, vale salientar que é tarefa do professor de Filosofia diagnosticar as dificuldades presentes em cada sala e em qualquer modalidade de ensino, para que assim a Filosofia possa ser absorvida em sua plenitude.

4. METODOLOGIA

Como material metodológico foi utilizado à pesquisa levantamento de cunho bibliográfico, leitura, e análise de obras primárias e comentadores, além de revistas e artigos em periódicos. Assim como, anotações das aulas da disciplina de *estágio supervisionado I e II*.

Para a composição desse trabalho, foram necessárias três etapas prévias ao levantamento bibliográfico. Estas foram: as aulas de *estágio supervisionado I e II* na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em que o professor da disciplina deu orientações necessárias para o primeiro contato com a sala de aula. Assim como orientou acerca da documentação necessária para a consolidação da prática de estágio.

Com a escola escolhida, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Oliveira, iniciou-se as aulas de observação, em que o graduando era levado à observar determinados aspectos das turmas que, posteriormente iria ministrar a disciplina de Filosofia. Planos de aulas foram preparados e analisados pelo professor da disciplina da UEPB antes de serem desempenhados em sala de aula.

Contudo, esse trabalho se deu dos conteúdos trabalhados na academia, da vivência na escola citada e na leitura e interpretação de teóricos que reforçaram os conceitos previamente almejados das características aqui levantadas.

5. CONCLUSÃO

Com base em estudos e a experiência em sala de aula durante o estágio supervisionado este trabalho foi feito para levantar questões a nível educacional e sobre as diversas dificuldades que se apresentam para os alunos do EJA, uma modalidade de ensino muitas vezes esquecida. Analisando as dificuldades sociais dos alunos que compõem essa modalidade é forçoso notar que as questões mais minuciosas que determinam essas dificuldades, vêm da maneira como o Estado lida com a educação através das políticas públicas.

Dito isso, entende-se que os problemas sócio-econômicos estão no âmago da problemática da EJA. Ora por alunos que geralmente vem de uma vida com dificuldades, onde os estudos não são vistos como prioridade devido o tempo e as necessidades básicas de sobrevivência. E quando esses conseguem chegar próximo ao sistema de ensino os níveis de evasão crescem, a descontinuidade do ensino é fortemente marcada como resultado das crises econômicas evidenciadas do país.

A situação torna-se ainda mais complicada quando levada para o lado da Filosofia como disciplina dessas modalidades, com ênfase ao relato em que apresento as poucas condições de dinamismo na escola e a pouca oferta da disciplina na semana, sendo apenas uma aula para tal. O objetivo próprio da filosofia, o pensar, apresenta de maneira a entender uma problemática, cuja teoria geral se dar em função de esclarecer uma dúvida reflexiva, que é a questão de compreender o que não é conhecido. Mas, que para isso é preciso um pensamento transformador.

É a filosofia que é capaz então de acentuar o desenvolvimento da educação, na construção da configuração o objetivo educativo quando usa a problemática de um tema para torná-lo o próprio tema reflexivo e, utilizando as exigências metodológicas assim colocando em destaque sua particularidade. Dessa forma, a filosofia auxilia para uma melhor definição da educação enquanto objeto de conhecimento, facilitando a prática minuciosa e organizada.

Em síntese, espera-se que esse trabalho contribua para o fortalecimento dos nossos almejos educacionais e que a educação consiga ao longo da história, atingir um nível de excelência quanto a sua abrangência para todos os cidadãos.

Os levantamentos aqui colocados corroboram numa espécie de esperança para que num futuro bem próximo a assistência do governo pelo viés da educação consiga atingir patamares de desenvolvimentos sociais e pessoais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação de Jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. IN: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. e GOMES, N. (orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. V. 3. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

_____. _____. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2007.

_____. _____. Programa da Integração Profissional do Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos: documento base. Brasília, 2007.

COSTA, Regis Clemente; SUBTIL, Maria José Dozza. A ditadura militar no Brasil e a proibição do ensino de filosofia: entre o tecnicismo e a subversão política. **Imagens da Educação**. Maringá, v. 6, n. 2, p. 29-41, 2016.

HADDAD, Sérgio e PIERRO, Maria Clara Di. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.14, p.126-128, mai-ago. 2000.

MURCHO, Desidério. A natureza da filosofia e o seu ensino. **Revista Educação e Filosofia**, v. 22, nº 44, p. 79-99, 2008.

PAIVA, V.P. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Educação Popular e Educação de Adultos. IN: ARAÚJO, B. O. I. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.20, p. 167 - 179 dez. 2005 - ISSN: 1676-2584

SANTOS, L. R.A dos & CHAGAS, P.C. de M. **Ensino de Filosofia e EJA**: contextualização histórica e desafios da contemporaneidade. HOLOS, ano 27, Vol. 4, 2011

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana**: tarefa da Filosofia da Educação. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28030>
Acesso em: 09/11/2018.

APÊNDICE

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 03/06/2015

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Série/turma: 1º B ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- O Mito da Caverna de Platão

OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos a obra do filósofo;
- Apontar no contexto histórico de acordo com livro didático utilizado em sala de aula a importância do Mito da Caverna.

MATERIAL:

- O livro didático; Quadro; Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Foi realizada pelos alunos uma leitura individual silenciosa;
- Após a leitura foi explicado os principais conceitos presentes no Mito da Caverna, e analisamos como ele nos ajuda a entender a evolução do processo de conhecimento.

ATIVIDADES:

- Apresentar um breve comentário do que significa essa descoberta para um indivíduo.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos na apresentação dos comentários oral em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 10/06/2015

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Série/turma: 1º B ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- A teoria política platônica e os Reis - filósofos

OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos a obra do filósofo;
- Apontar no contexto histórico de acordo com livro didático utilizado em sala de aula a relevância da sua teoria dos Reis - filósofos.

MATERIAL:

- O livro didático; Quadro; Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Foi realizada pelos alunos uma leitura individual silenciosa;
- Após a leitura foi explicada a teoria política de Platão e os Reis – filósofos. Analisamos qual a importância de uma sociedade ideal governada por reis – filósofos, entendidos como pessoas capazes de atingir o mais alto conhecimento do mundo das ideias, que consiste na ideia do bem.

ATIVIDADES:

- Apresentar um breve comentário apontando sua compreensão em relação a uma sociedade governada por um Rei - filósofo.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação discursiva dos alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 10/06/2015

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Série/turma: 1º C ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- As quatro causas fundamentais em Aristóteles.

OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos como distinguir essas causas Aristotélicas;
- Apontar no contexto histórico de acordo com livro didático utilizado em sala de aula a relevância dessas causas em Aristóteles.

MATERIAL:

- O livro didático; Quadro; Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Foi realizada pelos alunos uma leitura individual silenciosa;
- Após a leitura foi explicado o conceito das quatro causas: causa formal, causa material, causa eficiente e causa final.

ATIVIDADES:

- Pesquise as quatro causas fundamentais e defina cada uma delas estudado no livro didático.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a pesquisa realizada pelos alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 10/06/2015

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Série/turma: 3º A ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- Ética e Moral

OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos o conceito de ética e moral;
- Entender no contexto histórico com uma leitura individual no livro didático os conceitos de ética e moral e respectivamente esclarecer as dúvidas.

MATERIAL:

- Livro didático; Quadro; Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Primeiramente pedir que os alunos façam uma leitura individual;
- Após a leitura entender no contexto histórico com uma leitura individual no livro didático os conceitos de ética que é um conjunto de normas ou regras que orientam o comportamento humano tendo como base os valores próprios e ética é a reflexão sobre as noções e princípios que fundamentam a vida moral.

ATIVIDADES:

- Apresente sua opinião, quais são as grandes questões que a ética procura investigar e responder no mundo de hoje? Comente.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos no comentário conforme solicitado na avaliação em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 20/05/2015

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Série/turma: 3º A ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- Introdução de Linguagem

OBJETIVOS:

- Abordar no contexto histórico o conceito de linguagem e compreender o sentido da linguagem filosófica.
- Fazer uma leitura individual no livro didático e em seguida expor suas dúvidas.

MATERIAL:

- Livro didático; Quadro; Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Primeiramente pedir que os alunos façam uma leitura individual;
- Após a leitura foi conceituado o termo linguagem designa um sistema organizado de símbolos, complexo, extenso e com propriedades particulares que desempenha uma função de codificação, estruturação e consolidação dos dados sensoriais, transmitindo-lhe um determinado sentido ou significado e permitindo ao homem comunicar as suas experiências e transmitir os seus saberes é, portanto, um sistema de troca de informações.

ATIVIDADES:

- Apresentar um breve comentário após a leitura conforme o que ficou entendido sobre linguagem filosófica.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos na apresentação dos comentários em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 20/05/2015

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Série/turma: 3º B ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- Virtude e vício

OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos no contexto histórico conforme livro didático os conceitos de virtude e vício e o que acarreta no ser humano.

MATERIAL:

- O livro didático; Quadro; Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Foi realizada pelos alunos uma leitura individual;
- Após a leitura foi apontado o conceito de virtude significa no contexto da moral, a qualidade ou ação que dignifica o ser humano, podemos dizer basicamente, que é a prática constante do bem de forma consciente, livre e responsável. Vício que consiste na prática do mal, correspondendo ao uso da liberdade sem responsabilidade moral.

ATIVIDADES:

- Analise o assunto abordado e aponte sua opinião nas atitudes humanas no nosso cotidiano de uma forma geral e exemplifique.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante uma participação dos alunos na em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULAS

DATA DE EXECUÇÃO: 18/04/2016

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Séries/turmas: 1º A e B ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- Introdução a Filosofia.

OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos a origem do pensamento filosófico;

MATERIAL:

- Livro didático;
- Quadro;
- Lápis piloto

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Primeiramente pedir que os alunos façam uma leitura individual;
- Após a leitura foi solicitado que todos relatassem para todos da sala o que compreenderam no contexto histórico conforme livro didático;

ATIVIDADES:

- Apresentação de leitura e escrita sobre a origem do pensamento filosófico e a relevância da dúvida filosófica na história.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos na discussão em sala de aula com relação ao livro.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 25/04/2016 e 26/04/2016

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Séries/turmas: 3º A, B anos (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- Apresentação do pensamento filosófico clássico.

OBJETIVOS:

- Apresentar o filósofo Sócrates e o método socrático;

MATERIAL:

- O livro didático;
- Quadro;
- Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Foi realizada pelos alunos uma leitura individual;
- De maneira expositiva, foi relatado as principais características do filósofo e seu método.
- Foi mostrado o conceito de sofista, alguns dos principais sofistas da antiguidade e como consistiam seus discursos.

ATIVIDADES:

- Foi pedido que fizessem um comentário sobre o que compreenderam sobre a máxima de Sócrates “só sei que nada sei”.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos na apresentação dos comentários em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULAS

DATA DE EXECUÇÃO: 16/05/2016

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Séries/turmas: 1º A e B ano (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- A importância de Sócrates, Platão e Aristóteles para a Filosofia.

OBJETIVOS:

- Apresentar as principais características de cada autor.

MATERIAL:

- Livro didático;
- Quadro;
- Lápis piloto

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Foi feita uma leitura coletiva sobre Sócrates no livro didático trabalhado.

ATIVIDADES:

- Resumo do que foi compreendido acerca do método do discurso de Sócrates.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos na discussão em sala de aula com relação ao livro.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

PLANO DE AULA

DATA DE EXECUÇÃO: 23/05/2016 e 24/05/2016

Número da aula: 01

Duração: 01 aula (50 minutos)

Séries/turmas: 3º A, B (Ensino Médio - EJA)

CONTEÚDO:

- A democracia na antiga Grécia

OBJETIVOS:

- Observar a compreensão dos alunos mediante a discussão.

MATERIAL:

- O livro didático;
- Quadro;
- Lápis piloto.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO (METODOLOGIA):

- Discussão em círculo.

ATIVIDADES:

- Discussão com ponto de vista acerca da democracia grega e a do Brasil.

AVALIAÇÃO:

- O processo avaliativo se dará de modo contínuo mediante a participação dos alunos na apresentação dos comentários em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2009.